

# Fera

Ataques de tubarões crescem e o maior culpado é o uso não sustentável dos mares. Peixe está ameaçado por pesca predatória

# ferida

## **O TUBARÃO**

branco na Cidade do Cabo, na África do Sul: população da espécie foi reduzida em 80% em 20 anos



**T**error dos surfistas, vilão de Hollywood, fera implacável dos mares, serial killer de barbatanas. Há milênios os tubarões despertam medo e fazem vítimas mundo afora. Somente no ano passado, foram 79 ataques, o maior número da década. Em apenas um dia de dezembro, no Egito, quatro banhistas foram atacados — dois perderam os braços; e outro, a mão. Cenas como esta explicam por que a popularidade do animal anda tão em baixa. Mas não esclarecem o que tem deixado esses peixões tão inquietos. Os biólogos, no entanto, já chegaram a consenso: somos nós.

Na verdade, dizem, eles são as maiores vítimas, em razão do aumento do número de pessoas na água, da destruição do ecossistema marítimo, da

pesca descontrolada. Para se ter uma ideia, a média anual de pessoas mortas pelo peixe é inferior a 5. Virou piada, mas é verdade: é mais fácil alguém morrer atingido por um coco do que atacado por um tubarão.

Enquanto isso, mais de 70 milhões deles são abatidos todos os anos, em boa parte devido à demanda pela barbatana. Cerca de 120 países participam dessa pesca predatória, entre eles, o Brasil.

— O número de ataques causados por tubarões aumentará a cada década — assegura George Burgess, diretor do Arquivo Internacional de Ataques de Tubarões, vinculado à Universidade da Flórida. — Eles causam poucas mortes e, francamente, elas não são nossa maior preocupação. Concentramos esforços em modos de administrar a pesca e garantir que nossos filhos e netos possam ver essas espécies no mar.

Não é uma missão tão simples quanto parece. Na Costa Leste americana, onde está Burgess, alguns tipos de tubarões tiveram sua população reduzida em 90%. Em todo o mundo, o tubarão branco perdeu 80% de seus indivíduos em apenas duas décadas. Se ainda não houve espécies extintas, é porque se trata de um animal oportunista, que sempre troca de área.

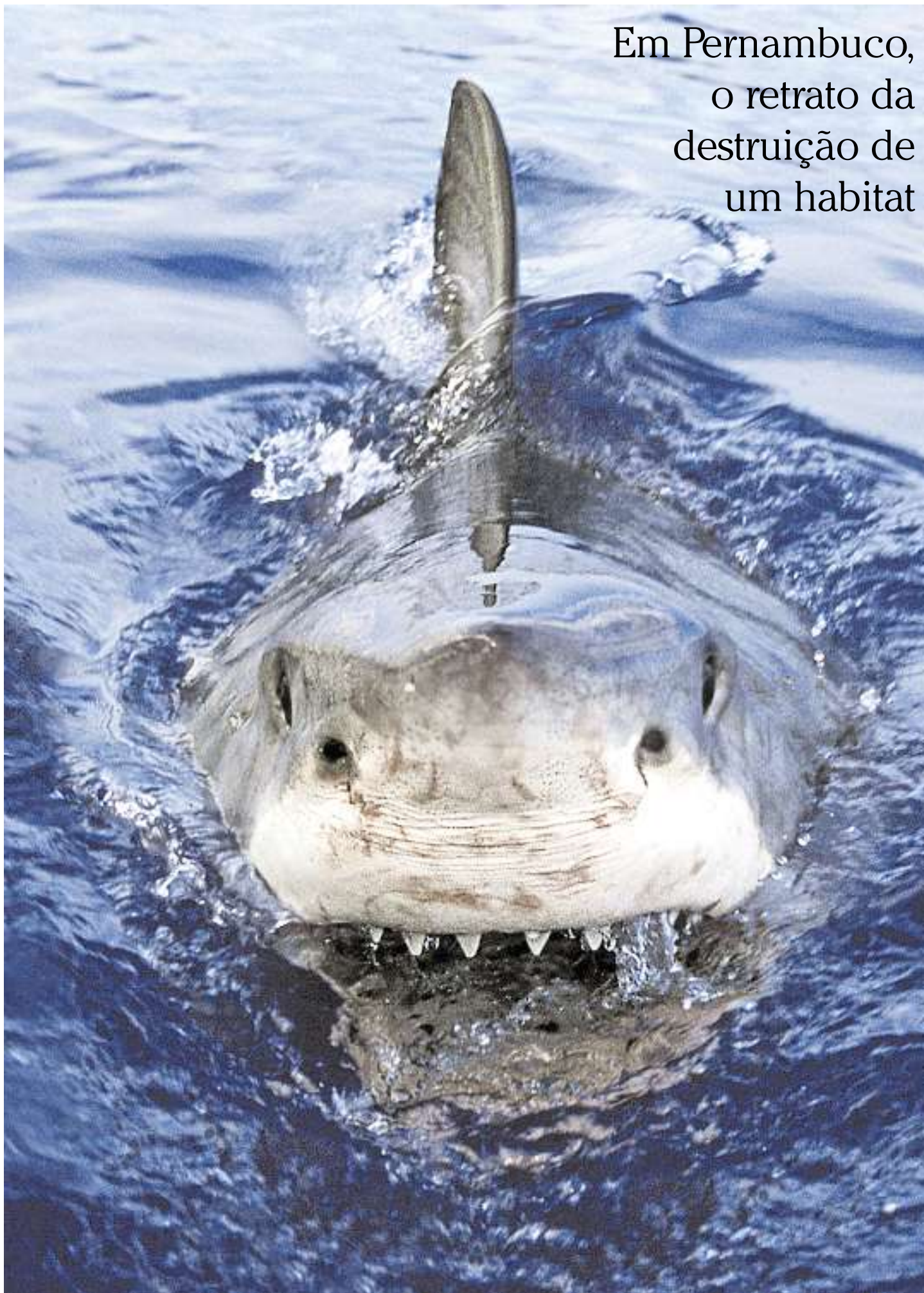
Mesmo ágil e daquele tamanho, o tubarão é vulnerável às mesmas pressões das espécies muito menores com quem divide os oceanos. Afinal, trata-se de um animal que ocupa o topo da cadeia alimentar. Se a temperatura do planeta continuar subindo, por exemplo, os recifes de corais serão embranquecidos, o que sacrificará o número de peixes, e diminuirá a alimentação disponível para os tubarões, comprometendo a existência também dessas populações.

E, ao contrário do que ocorre com o urso panda, o mico-leão dourado e que tais, quando se trata de tubarões, os ambientalistas não contam com o apoio popular. Para a maioria da opinião pública, esses peixões de 8 mil dentes devem ser relegados aos livros de História e à panela.

— Nossas culturas são diferentes, as linguagens também, mas a reação provocada pelos tubarões é a mesma — analisa. — Ficamos preocupados com algo que não conseguimos ver ou controlar. Não nos sentimos muito à vontade na água, não é o local onde somos melhores. Por isso temos medo. Nos últimos 20 anos, tivemos algum sucesso com a mídia. Mas mudar a cabeça das pessoas, mostrar como o tubarão é parte daquele ecossistema, é uma luta diária. E basta um ataque para voltarmos à estaca zero. ❀



## Em Pernambuco, o retrato da destruição de um habitat



Embora os últimos três anos tenham assistido a uma ascendente no índice global de ataques de tubarões — foram 53 em 2008, 63 em 2009 e 79 no ano passado —, alguns especialistas consideram cedo demais para concluir que os mares vão se tornar cada vez mais hostis ao homem.

— Vendo apenas três anos não dá para dizer que há uma tendência de aumento. É preciso considerar por que, onde e com que frequência os tubarões estão atacando pessoas — avalia Bryan Wallace, diretor de Ciência do Programa de Espécies Marinhas da Conservação Internacional e professor da Universidade Duke, nos EUA. — Alguns deles, de áreas frequentemente visitadas por mergulhadores, respondem aos motores de barco aproximando-se deles, não fugindo. Há, também, especulação de que as práticas de pesca diminuem as presas naturais consumidas por tubarões.

Para Fábio Hazim, diretor do Departamento de Pesca e Aquicultura da Universidade Federal Rural de Pernambuco, trata-se de um “oscilação natural” dos índices. O principal fator, ele concorda, é o aumento da presença humana no litoral. Em seu estado, porém, outros motivos deve ser considerados.

A costa da região metropolitana de Recife é uma zona de caça popular entre tubarões, principalmente o tigre e o cabeça-chata. Eles buscam alimento onde as ondas arrebentam — área também benquista pelos surfistas. O fato de a água ser turva facilita ainda mais uma tragédia. Não à toa, Pernambuco responde por 51% (45) das agressões promovidas pelos tubarões no Brasil entre 1931 e o ano passado (88).

— Temos conseguido diminuir a incidência de ataques capturando-os e transportando-os para o alto mar — conta Hazim. — Marcamos os animais, para que possamos conhecer suas rotas, e depois eles são soltos longe da praia.

O que poucos imaginam é que os ataques evitados pela trupe de Hazim, na maioria das vezes, não são intencionais. Segundo Marcelo Szpilman, biólogo marinho e diretor do Instituto Aqualung, o tubarão-tigre “confunde o surfista com uma tartaruga”.

— Visto por baixo, o surfista é só uma prancha, uma superfície lisa, com duas pernas — lembra. — Eventualmente, por um erro de identificação, o tubarão dá a mordida investigatória, percebe que seu alvo não é o que ele imaginava e solta a vítima. Quase to-



dos os acidentes ocorrem com uma única mordida em uma extremidade. Ou, então, para marcar território, principalmente se a autora do ataque é uma fêmea grávida.

Szpilman lembra que a região de Suape, ao sul de Recife, era um mangue — região rica em biodiversidade e fornecedora de alimento —, que, no início dos anos 90, foi aterrado e perdeu duas bocas de rio, obra necessária para a construção de um porto. Era neste local que as fêmeas subiam o rio

para dar à luz seus filhotes. Os tubarões que batiam ponto ali se deslocaram para a Grande Recife. E, assim, houve aumento da interação dos homens com estes animais.

Ainda de acordo com o biólogo, hoje os estudos de impacto ambiental jamais autorizariam um empreendimento com aquele porte.

— Aquela foi uma circunstância excepcional — opina. — Não se permitiria mais aquela intervenção agora, quando a consciência ecológica é mais forte. ■

**DOIS TUBARÕES-BRANCOS** na África do Sul: espécie é uma das três (entre as mais de 400) que representam perigo para o homem

## Antigos, velozes e nem sempre carnívoros

**Uma senhora mordida:** Um tubarão pode ter, ao longo da vida, 8 mil dentes — mas, desses, apenas 50 são usados simultaneamente. Normalmente ele tem uma fileira de dentes em uso e outras logo atrás, como reservas. Se um dente cai, outro logo vai para a frente, assumindo o lugar disponível.

**Tamanho é documento:** O menor tubarão conhecido tem dez centímetros de comprimento — e, por isso, é muito convenientemente chamado de tubarão-anão. O maior, o tubarão-baleia, chega a 20 metros e é inofensivo para o ser humano. Ele também é o mais pesado: chega a 20 toneladas, alimentando-se de plâncton e pequenos peixes.

**Caçador de cardumes:** Os tubarões preferem sempre os cardumes. Sua presença provoca o caos e os peixes disparam para todos os lados, o que torna muito mais fácil alcançar alguns deles. Ir atrás especificamente de um peixe é trabalhoso demais.

**Vegetarianos:** Nem todos os tubarões são carnívoros. Alguns, como o peregrino, se alimentam apenas de plâncton.

**Voadores:** Na África do Sul, os tubarões brancos também são chamados de voadores. O apelido deve-se à forma como caçam os leões-marinhos. O tubarão vem de baixo, em disparada, e abocanha o leão-marinho próximo à superfície. Seu corpo chega a sair inteiramente da água, antes de voltar ao mar.

**Velocistas:** O tubarão mais rápido é o mako, que alcança 40 km/h — algo muito mais difícil na água do que na terra.

**Pré-história:** Tubarões estão entre os animais mais antigos da Terra. Os primeiros surgiram antes dos dinossauros.

# SUSAN CASEY

## Em busca do mais demonizado dos animais



Divulgação

RENATO GRANDELLE  
renato.grandellem@oglobo.com.br

Lindos, interessantes, ameaçados. Estes adjetivos são empregados pela jornalista Susan Casey para se referir aos tubarões. Em seu novo livro, “Os Dentes do Diabo” (ed. Zahar), lançado no último dia 24, Susan acompanha um grupo de grandes tubarões brancos que se concentram nas ilhas Farallones, a 40 quilômetros da costa da Califórnia. Apesar da ferocidade, os peixões não têm chance contra as inúmeras intervenções provocadas pelo homem, descritas na entrevista abaixo, concedida pela autora ao GLOBO por e-mail.

**O GLOBO:** *Quando e por que a senhora se interessou por tubarões?*

**SUSAN CASEY:** Sempre fui interessada por tudo relacionado a oceanos, especialmente às criaturas que vivem lá. Peixes de todos os tipos, os naufrágios e os mistérios que repousam no fundo do mar, tudo me fascina desde a infância. Aí, em 1995, eu vi um documentário da BBC sobre o grande tubarão branco, que mostrou uma reunião dessa espécie nas ilhas Farallones, na costa de São Francisco. Não conseguia acreditar que elas ficam nos EUA, e a apenas 43 quilômetros de uma cidade grande. A imagem dos tubarões me assombrava: eram os maiores representantes dessa espécie já vistos, alguns deles aproximando-se dos seis metros de comprimento. Eu precisava descobrir mais.

**O GLOBO:** *Em sua opinião, por que os tubarões têm uma fama tão ruim, se eles matam menos pessoas do que*

**SUSAN:** alerta para o risco de extinção provocado pela pesca e pelas mudanças climáticas

*outros animais menos temidos — como hipopótamos, por exemplo?*

**SUSAN:** É verdade, hipopótamos são extremamente perigosos. Mas, de alguma forma, os tubarões conseguem combinar todos os medos do homem em um pacote com dentes de navalha. É a ideia de uma coisa à espreita, escondida, que pode nos ver, mas que não conseguimos observar. E pior: é uma coisa que pode nos comer.

**O GLOBO:** *Que países registram maior ocorrência de tubarões em seu litoral?*

**SUSAN:** Não conheço exatamente as estatísticas, e mesmo os cientistas teriam dificuldade de responder a esta pergunta. Também depende do tipo de tubarão a que você se refere. Sabemos que o número de tubarões está diminuindo devido às capturas e às odiosas práticas de pesca, que cortam as barbatanas para comê-las em uma sopa chinesa. É algo proibido em muitos países, embora continue ocorrendo. A única forma de acabar com isso, e com um provável extermínio de tubarões, é o fim da demanda do produto nos países asiáticos.

**O GLOBO:** *É possível escapar do ataque de um tubarão branco?*

**SUSAN:** Eles são caçadores altamente evoluídos; ainda assim, raramente matam humanos. Eis o porquê: como membro da família Lamnidae (que também inclui os makos e os tubarões-

# ATAQUES DE TUBARÕES NO BRASIL (1931-2011\*)

## ATAQUES

7 ou mais

De 4 a 6

De 1 a 3

\* até janeiro. Não inclui ataques registrados em atividades de pesca ao tubarão e mergulho junto ao animal. Fonte: Arquivo Internacional de Ataques de Tubarões / Universidade da Flórida



	TOTAL DE ATAQUES	ATAQUES FATAIS	ÚLTIMA FATALIDADE
Pernambuco	45	14	2006
São Paulo	10	0	
Maranhão	9	3	1995
Rio de Janeiro	6	1	1946
Rio Grande do Norte	4	1	Desconhecido
Bahia	4	0	
Rio Grande do Sul	4	1	1990
Santa Catarina	1	1	Desconhecido
Paraíba	1	0	
Ceará	1	0	
Paraná	1	0	
Desconhecido	2	0	
<b>BRASIL</b>	<b>88</b>	<b>21</b>	<b>2006</b>

## ESPÉCIES QUE ATACAM

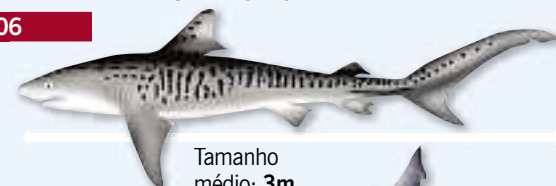
Das mais de 400 espécies de tubarões, apenas três efetivamente provocam acidentes com o homem. São elas:

**CABEÇA-CHATA** (envolvido em praticamente todos os acidentes com surfistas em Recife)



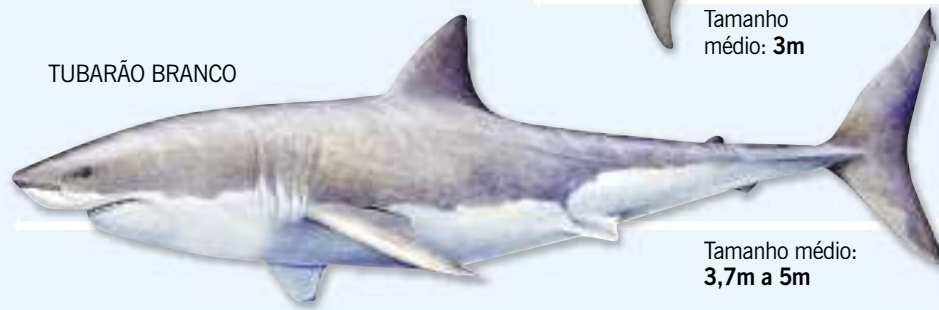
Tamanho médio: 2,1m

## TUBARÃO TIGRE



Tamanho médio: 3m

## TUBARÃO BRANCO



Tamanho médio: 3,7m a 5m

“

De alguma forma, os tubarões conseguem combinar todos os medos do homem em um pacote com dentes de navalha. É a ideia de uma coisa à espreita, escondida. E pior: que pode nos comer

”

salmão), eles têm o sangue quente. Por isso, sua demanda calórica é alta. Para um tubarão branco de 4,5 metros e 900 quilos, lançar um ataque a 60 km/h requer muita energia. Para satisfazê-lo, ele precisa de alimentos de alta densidade — mamíferos como focas e baleias, que fornecem muito mais calorias do que nós. Se nós fôssemos os únicos alimentos disponíveis, os tubarões brancos teriam entrado em extinção há muito tempo. Hoje sabe-se que, quando um tubarão branco morde uma pessoa, é porque ele a confundiu com uma foca. Nas ilhas Farallones, os cientistas perceberam que, após morder uma vez uma prancha de surfe e constatar que não se tratava de uma foca, os tubarões nunca faziam uma nova investida.

**O GLOBO:** *Quais são as maiores ameaças para a sobrevivência dos tubarões?*

**SUSAN:** A pesca para o corte de barbatanas, como eu mencionei, é uma das principais. A pesca de arrasto, com redes de emalhar, também resultam na morte de incontáveis criaturas do mar, juntamente às espécies-alvo. A

acidificação dos oceanos, resultado do excesso de CO2 entrando no ecossistema marinho, resulta na morte em larga escala de corais e no desequilíbrio de todo aquele ambiente. Se continuarmos a tratar os oceanos como um depósito de lixo, estamos destruindo o sistema que sustenta o nosso planeta. Todos os seres vivos terão dificuldade para sobreviver.

**O GLOBO:** *Nossa presença crescente nos oceanos têm provocado mudanças nas populações dos tubarões?*

**SUSAN:** Alguns cientistas estimam que mais de 90% dos peixes que atuam como predadores nos oceanos foram dizimados nas últimas décadas. Muitas espécies estão à beira da extinção. Programas de monitoramento desses animais, como o que mostro em meu livro, jogaram luz em áreas ainda pouco conhecidas, como o comportamento dos tubarões, dando-nos uma chance de protegê-los no futuro. Graças a projetos recentes como este, sabemos, por exemplo, que tubarões brancos não habitam as costas, como pensávamos; eles passam a maior parte de suas vidas em longas jornadas migratórias. Ainda

ignoramos seus hábitos de acasalamento, e os pesquisadores de Farallones querem saber quais são suas áreas de reprodução. Esta é uma das questões urgentes a serem respondidas neste momento em que nossa população, sempre crescendo, exige cada vez mais dos oceanos.

**O GLOBO:** *E o comportamento deles, também está mudando?*

**SUSAN:** Pesquisas já descobriram que as mudanças climáticas afetaram os padrões de migração de muitas espécies, embora ainda demore algum tempo para compreendermos como isso se deu. É impossível que as imensas pegadas que deixamos nos oceanos não transformem, e para pior, a vida dos tubarões. Muitas vezes as pessoas não percebem o quão importantes esses predadores são para manter os ecossistemas saudáveis. Precisamos entendê-los, e foi isso que me levou às ilhas Farallones. Os personagens do meu livro estão tentando compreender os mais demonizados — e belos — animais do mundo, para que tenhamos alguma esperança de coexistir com eles. ■